



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

DOI: <https://doi.org/10.20873.grupodeestudo>

GRUPO DE ESTUDO SOBRE EDUCAÇÃO BRASILEIRA: O PENSAR CERTO NA CONSTRUÇÃO CRÍTICA DE UM SABER-FAZER-DOCENTE

STUDY GROUP ON BRAZILIAN EDUCATION: RIGHT THINKING IN THE CRITICAL CONSTRUCTION OF TEACHING KNOW-HOW

GRUPO DE ESTUDIO SOBRE LA EDUCACIÓN BRASILEÑA: EL PENSAMIENTO CORRECTO EN LA CONSTRUCCIÓN CRÍTICA DEL SABER HACER DOCENTE

Ariel Elias do Nascimento¹

Dalila Maria Alves²

Camile Conceição Carvalho³

Antônia Jamilly Costa Ferreira⁴

Ana Beatriz Carvalho Baiocchi dos Santos⁵

David Emanuel de Souza⁶

RESUMO: A educação no Brasil é pensada e questionada desde o período colonial até os dias de hoje. No entanto, os cursos de licenciatura, que tendem a ser o bastião, o ponto de partida para a formação de professores, vem apresentando fissuras no processo de ensino-aprendizagem. Diante disso, em meio a um processo de reflexão sobre os cursos de licenciaturas, em específico, sobre o curso de história, da Universidade Federal do Tocantins, campus Porto Nacional, surgiu o Grupo de Estudos Sobre Educação Brasileira, (GESEB) com o objetivo não apenas de pensar e refletir a educação ensinada na universidade, mas ampliar o debate para além de seus muros.

¹ Possui graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997), especialização em História, Sociedade e Cultura pela PUC-SP (1999) e mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (2002). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil República e História Contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Cultura, Globalização, Identidades e seus Espaços de Memória na Contemporaneidade.

² Graduanda do 5º período do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins.

³ Graduanda do 5º período do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins.

⁴ Graduanda do 6º período do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins.

⁵ Mestre em teoria da história pela Universidade Federal de Goiás, professora de História da rede pública do Estado do Tocantins desde 2010.

⁶ Graduando do 5º período do Curso de História da Universidade Federal do Tocantins.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

PALAVRAS-CHAVE: Educação; História; Interdisciplinaridade; Dodiscência

ABSTRACT: Education in Brazil is thought and questioned from the colonial period to the present day. However, undergraduate courses, which tend to be the bastion, the starting point for teacher training, have been showing cracks in the teaching-learning process. Therefore, in the midst of a process of reflection on undergraduate courses, in particular, on the history course, at the Federal University of Tocantins, Porto Nacional campus, the Study Group on Brazilian Education (GESEB) emerged with the objective of not only to think about and reflect on the education taught at the university, but to broaden the debate beyond its walls.

KEYWORDS: Education; Story; Interdisciplinarity; Dodiscence

RESUMEN: La educación en Brasil es pensada y cuestionada desde la época colonial hasta nuestros días. Sin embargo, las carreras de grado, que suelen ser el baluarte, el punto de partida de la formación docente, vienen mostrando fisuras en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Por eso, en medio de un proceso de reflexión sobre los cursos de graduación, en particular, sobre el curso de historia, en la Universidad Federal de Tocantins, campus Porto Nacional, surgió el Grupo de Estudios sobre Educación Brasileña (GESEB) con el objetivo no sólo de pensar y reflexionar sobre la educación que se imparte en la universidad, sino ampliar el debate más allá de sus muros.

PALABRAS CLAVE: Educación; Historia; Interdisciplinariedad; dodiscencia

INTRODUÇÃO

Afinal, minha presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.
(FREIRE, 2021)

“Não há educação fora das sociedades e não há homem no vazio”, escreve Paulo Freire em obra seminal sobre o papel crítico que a educação possui na formação do homem em sociedade (FREIRE, 1994, p. 43). Ressalta ainda que educar é um ato de amor que deve ser construído em um processo dialógico. No



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

livro *Extensão ou comunicação*, Paulo Freire aborda a questão do diálogo problematizador, para o educador todas as coisas podem ser problematizadas.

O papel do educador não é o de “encher” o educando de “conhecimento”, de ordem técnica ou não, mas sim o de proporcionar, através da relação dialógica educador-educando educando-educador, a organização de um pensamento correto em ambos. (...) O diálogo e a problematização não adormecem ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saberes se encontra em interação. (FREIRE, 2013, p. 46)

Ao falar sobre a prática educativa crítica, o autor ainda destaca a importância de nos assumirmos como ser social, histórico, pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de sonhos (FREIRE, 2021, p. 42). Nessa perspectiva, este artigo reflete o processo de busca por uma interação mais profunda entre a universidade, a escola e a comunidade externa, a fim de ampliar e aprofundar as discussões e reflexões sobre o processo educativo no Brasil. Assim, de acordo com a professora Maria de Lourdes Fávero:

A universidade é convocada a ser palco de discussões sobre a sociedade, mas não em termos puramente teóricos, abstratos. Deve ser um espaço em que se desenvolve um pensamento teórico-crítico de ideias, opiniões, posicionamentos, como também de propostas e alternativas para solução de problemas. (FÁVERO, 2006, p. 19)

Em outras palavras, esta pesquisadora nos direciona a compreender que a universidade, como um ente formador feito pela sociedade, tem o dever de trabalhar em prol desta mesma sociedade, sabendo ouvir e apresentando soluções aos anseios coletivos por meio de projetos extensionistas.

Neste sentido, a universidade apresentaria uma postura vista como “expressão do real”, refletindo na produção ou aperfeiçoamento do conhecimento científico, o qual é construído, de antemão, através da pesquisa. Deste modo,



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

ensinar também é uma das formas de fazer ciência, senão a principal delas. (FÁVERO, 2006, p. 19)

Por meio da extensão, a universidade deve compreender um público que não seja ou esteja vinculado apenas à instituição. Isto significa a necessidade de haver uma real integração entre universidade e sociedade, agregando e articulando saberes existentes em outros nichos sociais tais como na educação básica ou mesmo fora de instituições de ensino formal, entendendo a sociedade em sua amplitude dialógica, promovendo novos olhares e possibilidades de discussões teóricas, que geram a construção de um pensamento crítico sobre a organização social, a qual reflete diretamente no processo educativo, seja do ensino básico, seja do ensino superior. Antonio Gramsci já ponderava sobre esta questão nos seguintes termos: [...] quanto mais extensa for a 'área' escolar e quanto mais numerosa forem os graus verticais da escola, tão mais complexo será o mundo cultural, a civilização de um determinado Estado. (GRAMSCI, 1968, p. 9)

Ao escrever sobre universidade e realidade, Demerval Saviani relata que há alguns pensamentos que defendem que a universidade não leva em conta a realidade brasileira, nem a realidade da educação básica. Diante disso, o autor pontua que as definições frequentemente dadas à universidade, a analisam de modo abstrato, como se ela fosse uma instituição constituída, existente por si e em si. Dessa forma, é preciso refleti-la a partir da seguinte pergunta: o que é a universidade? A partir desta indagação, o autor esclarece que:

A universidade, enquanto instituição, é produzida simultaneamente e em ação recíproca com a produção das condições materiais e das demais formas espirituais. É, pois, produzida como expressão do grau de desenvolvimento da sociedade em seu conjunto. Segue-se, pois, que a universidade concreta (a universidade enquanto "síntese de múltiplas determinações") sintetiza o histórico, o sociológico, o político, o econômico, o cultural, numa palavra, a realidade humana em seu conjunto. (SAVIANI, 2013, p. 88)



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Refletindo sobre as escolas públicas brasileiras, Anísio Teixeira pontua no livro *A educação e a crise brasileira*, publicado em 1956, que ao final do século XIX as escolas passaram a ter dois objetivos na formação dos alunos, o primeiro seria “a formação geral e comum de todos os cidadãos e o segundo a formação dos quadros de trabalhadores especializados e de especialistas de toda espécie exigidos pela sociedade moderna”. (TEIXEIRA, 1956, p. 25)

Podemos inferir, segundo este levantamento feito por Anísio Teixeira, que a educação, que compreende o final do século XIX e início do século XX, não buscava ser uma preparação real para a vida, mas sim uma etapa necessária para atender aos anseios do mercado de trabalho.

As disciplinas *História da Educação Brasileira*, *Estágios*, dentre outras que dialogam conteúdos de e sobre Educação, presentes nos currículos dos cursos de licenciatura, dificilmente abrangem e discutem as realidades da educação básica.

Neste sentido, ponderamos que é de suma importância que os estudantes de licenciatura reflitam sobre o significado do “chão de escola”, de conhecerem de forma prática a realidade e de ouvirem as experiências dos professores.

Para isso, há a necessidade de interação entre as duas instituições: universidade e escola. “A educação, como função social, é uma decorrência da vida em comunidade e participa do nível e da qualidade da própria vida em comum.” (TEIXEIRA, 1956, p. 23) A complexidade em torno de seu processo se dá, em muitos casos, pela falta de diálogo e interação das instituições de ensino diante das lutas por uma educação melhor.

Um exemplo básico é que o professor não se faz professor apenas durante sua formação na universidade, é um processo contínuo. O que de fato consolida sua formação docente é o que denominamos de “chão de escola”. Pensar a prática da formação docente apenas nas disciplinas de estágios não proporciona uma



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

interação profunda com a realidade da educação básica no Brasil. É preciso um diálogo direto entre a universidade e a escola ao longo do processo formativo dos alunos de licenciatura.

Ao considerarmos que a educação acontece também fora do ambiente escolar ou da Universidade, o Grupo de Estudo Sobre Educação Brasileira (GESEB) propôs justamente esse espaço de interação, visando a construção de uma consciência crítica sobre o mundo que nos cerca.

Além de ampliar o debate através da extensão, o grupo também visa ampliar os horizontes da pesquisa, uma vez que, como ensina Paulo Freire: “ensinar exige pesquisa (...). Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (FREIRE, 2021, p. 25-30). Nesse sentido, podemos pensar o que Paulo Freire chama de “dodiscência” - docência e discência juntas.

PENSAR CERTO EM TERMOS CRÍTICOS

Em seu artigo "Prática pedagógica: o que é? o que envolve?" Priscila Verdum defende que a construção do conhecimento é vista como um processo realizado por ambos os atores: professor e aluno. (VERDUM, 2013). Esse tipo de relação pedagógica não é assimétrico, ou seja, ambos os lados, ensinam e aprendem em conjunto, construindo e reconstruindo o conhecimento. O professor aprende com o aluno, ao pesquisar sua realidade, seu desenvolvimento cognitivo e afetivo, enquanto o aluno aprende, por meio de um processo de reconstrução e criação de conhecimentos daquilo que o professor se propõe a compartilhar.

O GESEB parte do compartilhamento de saberes e experiências entre alunos e professores e entre a comunidade externa, a fim de refletirmos e construirmos um “pensar certo, em termos críticos”. Pensando a formação docente, vemos a necessidade de um enriquecimento em nossos processos formativos, que

contribuísse também, na construção de um diálogo e de um pensamento crítico de alunos e professores, da universidade e da educação básica.

Ao falarmos de educação, em seu sentido mais amplo, é importante pensar caminhos que possibilitem uma vivência que aprimore, significativamente, a formação acadêmica de alunos de licenciaturas, a construção ou ampliação de um pensamento crítico de alunos da educação básica e da comunidade em geral, bem como, a aproximação entre escola e universidade. Para isso, faz-se necessário uma reflexão crítica sobre esse processo, tanto por parte dos professores já formados que atuam no Ensino Superior ou na Educação Básica quanto dos alunos de licenciaturas.

Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores (...), mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador. (...) é tão curioso o professor chamado leigo no interior de Pernambuco quanto o professor de filosofia na Universidade A ou B. O de que se precisa é possibilitar (...) que através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, (...) vá se tornando crítica. (FREIRE, 2021, p. 39)

No texto “Educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível?”

Etienne Tassin cita Immanuel Kant ao defender que

(...) uma solução perfeita é impossível. (...) assim, é preciso encontrar uma via para uma solução imperfeita, mas possível para a tarefa que é impossivelmente perfeita. O perfeito é impossível, o possível é imperfeito. Educar seria, então, talhar imperfeitamente um tronco cheio de nós e curvo, o qual não conseguimos nem direcionar, tampouco redirecionar. (TASSIN, 2017, p. 18)

Nessa visão se encaixa o pensamento de Demerval Saviani sobre a educação brasileira, ele cita que: “quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

curvá-la para o lado oposto”. (SAVIANI, 2018, p. 40). Ensinar é então, partir de um entendimento e/ou conhecimento da realidade do aluno, saber que o ser humano é feito como “um tronco torto”, como pontua Etienne Tassin, e que não se pode endireitá-lo por completo, pois a educação está em partes, iniciada em um convívio familiar, que nem sempre possui uma estrutura sólida (TASSIN, 2017). Por isso, reforçamos a necessidade da interação entre escola e universidade, pois possibilitar que os estudantes de licenciatura conheçam essa realidade antes que de fato, ela já esteja inserida em seu convívio a partir da prática docente, é um caminho mais fácil de trilhar, pensando a assunção do ofício de professor.

“Endireitar” nos parece estranho no contexto educacional. Entendemos por "endireitar" que é preciso sabermos lidar não só com o ambiente escolar, como também com a realidade social a qual o aluno e sua família estão inseridos. Não se pode romantizar a educação pensando não haver diversos problemas em sua construção e na realidade dos indivíduos inseridos nela.

O verbo ensinar envolve muitos paradoxos, o professor ou professora deve reconhecer e valorizar o individual do aluno, mas fazer com que esse aluno não viva no individual. Em outras palavras, Paulo Freire aponta em *Pedagogia da Autonomia*, que o professor ou professora deve reconhecer as diferenças dos alunos, seja em termos de crença, ideias, mitos e tradições. “Pensar certo é fazer certo”. (FREIRE, 2021, p. 35). Reconhecer a individualidade e estimular a coletividade, de forma que cada aluno ou aluna respeite a individualidade em termos sociais, culturais, políticos, isto significa dizer que perpassa pelo ensino-aprendizagem uma formação humanista do ser que se sabe incompleto (FREIRE, 2021).

ENSINO E PESQUISA: UNIVERSIDADE E ESCOLA ATRAVÉS DA EXTENSÃO



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Como pesquisa e extensão, o GESEB tem em sua gênese a ação dos alunos na busca de organizar a construção de um saber, de forma transdisciplinar, que vá além dos meios convencionais produzidos em sala de aula.

Isto é possível através das seguintes etapas: a) como ponto de partida, a equipe do GESEB, formada por alunos da graduação em História da Universidade Federal do Tocantins, por professores da rede pública de ensino do Estado do Tocantins, bem como por um professor do curso de História da mesma universidade, se reúnem para discutir e mapear as realidades encontradas nas escolas; b) em seguida, é proposta leituras para que a equipe gesebiana tenha instrumentos teóricos e argumentativos para promover a construção crítica de conhecimentos; c) após amplo debate entre a equipe, elabora-se um calendário de ações temáticas a serem colocadas em execução; d) através de rodas de conversa com a comunidade externa, são pensadas estratégias para superação das dificuldades encontradas “no chão da escola”.

Estas etapas conferem ao GESEB uma dinâmica extensionista, conferindo assim, a possibilidade de se colocar em prática o diálogo de conhecimentos plurais, ou seja, o reconhecimento e importância de um saber produzido pela experiência docente fora dos muros da universidade, em comunhão com o saber produzido pela universidade.

Este mesmo projeto atende aos anseios da universidade, conforme estabelecido em sua Política de Extensão:

Art. 1º. A extensão universitária é um processo educativo, cultural, científico, político, transdisciplinar, interdisciplinar e tecnológico que se articula com o ensino e a pesquisa de forma indissociável, sob o princípio constitucional, promovendo a interação transformadora entre a Universidade e os outros setores da sociedade em atendimento às demandas da diversidade de comunidades com as quais se relaciona. (UFT, 2020)



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6, n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Isso significa dizer que há por parte da universidade, o apoio ao protagonismo estudantil pautado na valorização de suas práticas acadêmicas, as quais podem e devem se expandir além dos muros da Academia. Este protagonismo possui em seu escopo a produção e socialização de saberes plurais, construídos com base num diálogo profícuo entre a Academia e a sociedade externa.

Desenvolver rodas de conversa, que sejam pautadas em leituras sobre a história, desafios, expectativas e demais assuntos sobre a educação no Brasil e conhecer relatos de experiência por parte dos professores tanto da educação básica, quanto da universidade, já é um passo largo para uma integração e interação entre a universidade e a escola.

Em um trabalho colaborativo, organizado pelos pesquisadores Gionara Tauchen, Catia Piccolo Viero Devechi e Amarildo Luiz Trevisan, de onde partiram do pressuposto de uma real e necessária aproximação entre escolas e universidades, eles realizaram uma pesquisa qualitativa com 20 escolas estaduais. Segundo esta pesquisa, “a interação entre a universidade e a Escola Básica é fundamental tanto à organização quanto à qualificação do sistema educacional” (TAUCHEN, DEVECHI e TREVISAN, 2014, p. 369). Além do mais, a ampliação do debate, da discussão e do questionamento proporciona uma formação crítica mais sólida, a qual pode se tornar o eixo norteador na construção de um saber-fazer docente.

Ao estruturarem esta pesquisa qualitativa, estes pesquisadores chegaram à seguinte conclusão:

Essa proposição nos faculta, com efeito, algumas condições e possibilidades que precisam ser fortalecidas: a) assumir a participação em um sistema objetivo comum, pois universidade e escola, mesmo situando-se em níveis diferentes, integram um mesmo sistema nacional de educação e sofrem as influências das políticas de organização e manutenção do mesmo; b) compreender que a qualificação das ações educativas passa pelo movimento de



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

democratização, descentralização e intercâmbio das perspectivas particulares de interpretação, em que a gestão escolar, principalmente a diretora da escola, tem papel fundamental na dinamização das interações e argumentações; c) publicizar contínua e progressivamente as ações educativas desenvolvidas na universidade e na escola, com a inclusão, cada vez mais ampliada, de uma na outra; d) ampliar e criar novos espaços de interação comunicativa; e) fortalecer as abordagens de pesquisa baseadas na ação comunicativa, como, por exemplo, a pesquisa-ação e as rodas de formação, dentre outras. (TAUCHEN, DEVECHI e TREVISAN, 2014, p. 390-391)

As rodas de conversa desenvolvidas pelo GESEB se tornaram em certo ponto, o ápice do grupo, mas também apresentaram novos horizontes, nos direcionando ao efetivo construir-com; um espaço pautado em uma convergência dialógica que possibilita um saber-fazer pedagógico necessário para as práticas educativas do hoje e do amanhã.

Propor temas sobre a educação, incitar a discussão, compartilhar e ouvir experiências é um caminho que permite a construção de uma consciência crítica. Pensando principalmente na licenciatura e no processo de formação acadêmica, é preciso curiosidade para ir além dos muros da universidade. Paulo Freire defende que:

Nenhuma curiosidade se sustenta eticamente no exercício da negação da outra curiosidade. A curiosidade que silencia a outra se nega a si mesma também. (...) Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. (FREIRE, 2021, p. 82)

Dessa forma, a educação se constrói através de um processo contínuo pautado na prática. No livro *Pedagogia da autonomia*, Paulo Freire nos apresenta vinte e nove saberes necessários à prática educativa. Todos os saberes apontados nos direcionam a uma educação reflexiva, inclusiva, crítica, consciente, interventiva e esperançosa. Assim sendo, abrir caminhos para discutir educação no Brasil e



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

chamar para essa discussão a universidade, a escola e a comunidade, é proporcionar a construção de uma educação pautada nesses adjetivos.

Ao discutirmos educação no Brasil não podemos deixar de ressaltar a importância e o legado de Paulo Freire. Como bem pontua o patrono da educação brasileira: “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”. (FREIRE, 2021, p. 74) Mas é preciso reconhecermos que mesmo que seja possível, ainda é uma mudança lenta, exigindo dos educadores e educadoras uma análise reflexiva desde sua formação acadêmica a sua prática docente, a fim de tornar essa prática uma contribuição positiva nesse processo de mudança.

A EDUCAÇÃO COMO FORMA DE INTERVENÇÃO

Ao descrever os saberes necessários aos professores, Paulo Freire destaca que “ensinar não é transferir conhecimento” e que ao entrar em sala de aula o professor deve estar aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições. (FREIRE, 2021, p. 47) Como seres inacabados, reconhecer que ensinar não é transferir conhecimento, é também uma construção do pensar certo.

Ainda nessa perspectiva, Paulo Freire aponta um outro saber necessário: “ensinar exige estética e ética”, pois a criticidade se constrói em conjunto com esses dois adjetivos. Para o autor, “não é possível pensar os seres humanos longe, sequer da ética, quanto mais fora dela”. (FREIRE, 2021, p. 34). Assim sendo, não se pode pensar o ensino de conteúdos sem pensar também na formação moral dos alunos. Nesse contexto, Saviani destaca que:

Correntemente as palavras “ética” e “moral” são usadas, de modo geral, como sinônimos, significando os princípios e normas da boa conduta ou a própria conduta quando guiada por regras que conduzem a praticar o bem e evitar o mal. Em sentido técnico, a “ética” refere-se aos princípios e normas como tais e, mais especificamente, à ciência ou à parte da filosofia que estuda



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

princípios e normas buscando distinguir entre o bem e o mal, ao passo que a “moral” corresponde à retidão dos costumes que conduzem a ações consideradas corretas e meritórias no seio de uma determinada comunidade que compartilha um mesmo sistema de valores. (SAVIANI, 2010, p. 6)

Diante dos pontos abordados, entra então um outro saber necessário à prática docente: “ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo”. A educação também se faz pelo exemplo, principalmente, a educação em termos éticos e morais. Se a educação escolar é uma forma de intervenção no mundo, como defende Paulo Freire, ela não deve fugir à discussão reflexiva crítica, inovadora e criadora de novas propostas. A intervenção também acontece através da Extensão.

A Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional, (lei nº 9.394/96) enumera no artigo 43, incisos 7 e 8, as finalidades da Educação Superior, entre elas está:

VII - promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição.
VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares. (BRASIL, 1996)

Como visto, por lei, a universidade possui autonomia para promover a extensão, e principalmente, através dela desenvolver sua aproximação com educação básica e assim criar as condições necessárias para intervir no processo de ensino e aprendizagem. A educação é um método de intervenção muito mais eficaz quando há interação entre ensino básico e ensino superior.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no Brasil tem suas inúmeras faces. As diferenças vêm, principalmente, das diversidades culturais e sociais de quem está inserido nela. Dermeval Saviani, no livro *Escola e democracia*, aborda alguns pontos específicos, desde como o ensino é desenvolvido, quais finalidades ele busca atingir e quais procedimentos ele adota para alcançar tais finalidades. Nesse sentido, Saviani nos conduz à reflexão do atual processo educativo e as suas respectivas possibilidades de transformação.

A construção de uma visão crítica sobre o mundo é uma das principais preocupações de muitos educadores que buscam contribuir para além de uma formação profissional, mas também, visam formar cidadãos capazes de ter um olhar reflexivo sobre a sociedade. Não devemos ser passivos a uma educação não crítica e a criticidade se faz a partir do diálogo, do debate, da pesquisa. A criticidade se faz quando percebemos, também, o outro como ser humano.

Não se deve romantizar a educação, é preciso questioná-la. Para quem a escola funciona? quais interesses ela atende? a escola reproduz uma cultura? qual? Esses questionamentos são importantes, refleti-los na licenciatura e em conjunto com a escola, é igualmente necessário no processo de construção de uma consciência crítica.

A educação não se faz apenas dentro do ambiente universitário e escolar. Durante um certo tempo os conhecimentos construídos fora da escola não eram levados em consideração no processo de construção de novos conhecimentos. Além do mais, a proposta de educação era centrada no professor. Entretanto, no contexto atual essa não é mais a realidade, então é preciso repensarmos a relação e proximidade da universidade, a escola e a comunidade, esse pode ser um caminho para se construir, a partir da educação, uma visão mais crítica da



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

sociedade, que possa compactuar igualmente em uma transformação das visões equivocadas e estereotipadas de grupos sociais.

Para além disso, essa interação entre a universidade e a escola pode proporcionar também, uma visão mais atenta da “classe dominada” sobre a “classe dominante”. Nesse sentido, torna-se importante resgatarmos a análise do educador Paulo Freire:

Há limites para o ‘diálogo’. Porque numa sociedade de classes não há diálogo, há apenas um pseudodiálogo, utopia romântica quando parte do oprimido e ardil astuto quando parte do opressor. Numa sociedade dividida em classes antagônicas não há condições para uma pedagogia dialogal. O diálogo pode estabelecer-se talvez no interior da escola, da sala de aula, em pequenos grupos, mas nunca na sociedade global. (FREIRE, 1985, p. 5)

De fato, enveredar-se pelos caminhos da educação não é uma tarefa simples. A diversidade tem se mostrado um fator importante nesse processo, no sentido de que ela pode auxiliar para construção do conhecimento do aluno, considerando as diferenças regionais, a grandeza territorial do Brasil, e um currículo que ofereça qualidade para todos, conforme é explícito na Constituição de 1988, ao estabelecer em seu artigo 205 que:

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988)

Nesse sentido, refletindo o que diz a Constituição sobre a colaboração da sociedade, o desenvolvimento e exercício da cidadania, o Grupo de Estudo Sobre Educação Brasileira, pensa a educação como uma prática de liberdade e abre um espaço de fala para lembrar o que vem sendo deixado ao esquecimento.

Também é por meio da educação que a cultura, normas e hábitos são reproduzidos e transmitidos pelas gerações pretéritas às crianças do presente,



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

permitindo trocas simbólicas entre as sociedades. A escola se tornou uma instância cultural.

Nesse sentido, Forquin destaca:

Se toda educação é sempre educação de alguém por alguém, ela supõe sempre também necessariamente, a comunicação, a transmissão, a aquisição de alguma coisa: conhecimentos, competências, crenças, hábitos, valores, que constituem o que se chama precisamente de “conteúdo” da educação [...] este conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, pode-se perfeitamente dar-lhe o nome cultura. (FORQUIN, 1993, p. 10)

Pensando dessa forma, a ação exercida pelos indivíduos promove uma educação social e coletiva e a escola sendo parte fundante deste processo, não pode olhar de forma individual, classificando e avaliando o aluno como capaz ou não, pois assim, acaba afirmando igualdade apenas superficialmente no sistema social, onde todos são iguais perante a lei, embora se encontrem em grande desigualdade. A educação deve antes de tudo integrar o ser social em seu meio.

O GESEB entende a educação como um processo de ensinar e aprender, mas um ensinar que assume a consciência de superar o comodismo e desafiar novos horizontes, diante de uma sociedade que traz a informação em apenas um “click”. É preciso pensar uma educação com espaço aberto, que transforme, emancipe e eduque. A educação é uma socialização, um espaço de relações que afeta a forma como somos capazes de relativizarmos nossa própria maneira de refletir sobre o mundo, para tanto, é necessário romper as barreiras presentes nas instituições educativas. Trata-se de trazer o protagonismo para dentro das salas de aulas, de dar voz e favorecer os processos de empoderamento através do diálogo, promovendo uma educação para o reconhecimento do outro, que busque uma interação mais profunda entre a escola e a sociedade.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Por fim, não se trata de criar um “novo mundo” para a educação, mas sim trilhar novos caminhos para melhorar a realidade e garantir o direito de uma educação que, sobretudo, faça uma leitura crítica dessa realidade. A educação se faz do entendimento que não se pode mudar tudo, mas é através dessa rede que se constrói um diálogo justo, discutindo o que não está no lugar e os caminhos necessários para uma possível mudança. A educação não deve ser um sistema de opressão, mas um espaço libertário.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, V. D. **História da Educação e métodos de aprendizagem em Ensino de História**. Palmas, TO: Editora da Universidade Federal do Tocantins, 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**, 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm>. Acesso em: 30 Nov 2021.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**, 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 30 Nov 2021.

CARNEIRO, M. A. **LDB fácil: leitura crítico compreensiva**, artigo a artigo. 24^a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

FÁVERO, M. D. L. D. A. A universidade no Brasil: das origens à reforma universitária de 1968. **Educar em Revista**, Universidade Federal do Paraná, n. 28, Dez 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602006000200003>>.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

Acesso em: 11 Nov 2021. (Dossiê: Política de Educação Superior no Brasil no Contexto da Reforma Universitária).

FONSECA, M. V.; FERNANDES, V.; SILVA, C. M. N. D. **Relações étnico-raciais e educação no Brasil**. Belo Horizonte, MG: Mazza Edições, 2011.

FORQUIN, J. C. **Escola e Cultura**: as bases epistemológicas do conhecimento escolar. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1993.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 10^a. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1994.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67^a. ed. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2021.

GRAMSCI, A. **Intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1968.

SAVIANI, D. Educação no Brasil: concepção para o século XXI. **Histedbr on-line. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, SP, 3, jul 2001. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/sites/www.fe.unicamp.br/files/documents/2021/01/doc1_1.pdf>.

Acesso em: 20 Nov 2021.



ISSN nº 2595-7341

Vol. 6 , n. 1, Janeiro-Abril, 2023

SAVIANI, D. **Interlocuções pedagógicas**: conversa com Paulo Freire e Adriano Nogueira e 30 entrevistas sobre educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

SAVIANI, D. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. 19^a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 43^a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

TASSIN, E. Educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível? In: GOTTSCHALK, C. M. C.; CARVALHO, J. S. F. D.; AQUINO, J. G. **Filosofia, Educação, Formação**: I Jornada Internacional de Filosofia da Educação. São Paulo, SP: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2017. Cap. 1, p. 15-34. Disponível em: <doi: 10.11606/9788560944804>. Acesso em: 15 Nov 2021.